

AUTOETNOGRAFIA DE UM CORPO ESTRANHO

Thaisa Martins Coelho dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

thaisamcs@yahoo.com.br

Escritas Sensórias – Pele, peso, palavra, chão. Como tratar o gesto da escrita pela escrita do gesto? O despertar da escrita sensível pelos poros da pele.

RESUMO:

Busco, no presente artigo, compartilhar o processo de criação que me debrucei através da sinergia das minhas pesquisas nos projetos “Corpo Estranho”, orientada por Ms. Aline Teixeira, e “Metodologia de pesquisa em Dança, etnografias, autoetnografias e outras narrativas”, orientada por Dra Luciane Coccaro, ambas professoras do Departamento de Arte Corporal - UFRJ. Instigada por questões como “O que é estranho?”, “Por que você se sente uma estranha?”, “Como isso marca você?”, “Qual a função da escrita no trabalho de pesquisa em dança?” e “Como transmutar a dor tornando-a potência de criação?” decido pesquisar as agendas deixadas por minha falecida mãe e utilizar seus registros como insumo para pesquisa de movimento em dança. Desenvolvo um caminho estruturado em três etapas; primeiro - Leitura passiva dos registros, segundo - Seleção de palavras, frases e imagens que me servissem de estímulo e, terceiro - Transmutação desse material em movimento através de laboratórios de movimento orientados pelos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp. Todas as etapas são acompanhadas por uma escrita autoetnográfica documentando e retroalimentando as fases da pesquisa.

PALAVRA-CHAVE: Corpo Estranho, Pesquisa em Dança, Processo de Criação em Dança, Autoetnografia.

PARTIDAS

O projeto de pesquisa artístico-teórico “Corpo Estranho” teve seu início em 2012, num desdobramento das investigações do mestrado da professora Ms Aline Teixeira (DAC - UFRJ). Nele, os participantes se debruçam na questão do imaginário a respeito do “estranho”, que aparece através de temas como a fragmentação e a deformação do corpo.

No decorrer dos seus 7 anos de existência, passaram pelo projeto 18 alunos oriundos dos cursos de graduação em bacharelado em Dança, bacharelado em Teoria da Dança e licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e 2 alunos oriundos da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O acesso se dá a partir de residência artística oferecida na própria UFRJ.

Em setembro de 2017, após a residência artística que selecionou 6 novos intérpretes, a presente pesquisa tem seu ponto de partida. Instigados pelas questões “O que é estranho?”, “Por que você se sente uma estranha?”, “Como isso marca você?” a pesquisa coletiva foi direcionada pela busca das mais profundas dores de cada intérprete.

Deste gatilho inicial, diversos improvisos foram realizados, numa troca de experiências a partir do corpo em movimento. Ao observar o outro improvisar, inúmeras vezes e de inúmeras formas, um diálogo entre os corpos foi se estabelecendo. Imagens e referências surgiram, entre elas a Dança Butoh que entra nesse contexto direcionando um corpo filosófico, teórico e estético.

Tatsumi Hijikata, (...). Projetou os fundamentos de um antissistema gestual que buscava a transformação de si mesmo para uma conseqüente desconstrução do corpo social, concentrando-se principalmente na recusa e na negação, ao invés de apresentar técnicas e procedimentos para serem assimilados e fixados. Desenhou assim o esboço de uma dança marcada pela insígnia da decadência, da decomposição e da desconstrução dos modelos de organismos tanto físico como social; um projeto herético que desejou colocar em cena uma dança total, um corpo autêntico que poderia levantar-se para reescrever a sua própria anatomia e rebelar-se contra a história. (D'ORAZI, 2008, p.20)

Ao abraçar a referência da Dança Butoh, o processo criativo de cada intérprete foi se especializando e se direcionando para diferentes caminhos. Assim, as investigações se emanciparam, a professora Aline Teixeira assumiu o papel de direcionadora dos trabalhos diferentes, mas análogos entre si, que começaram a ganhar corpo. É neste momento, que dá-se início a pesquisa "Autoetnografia de um Corpo Estranho".

A DOR

Claudia Marcia Martins Coelho. Mulher, escorpiana, 26 anos, mãe de um casal Thaisa (5 anos) e Hugo (4 anos), fã de Cazuza, Legião Urbana e Madonna, filiada ao PT e poetisa amadora. Após comemorar seu aniversário de 27 anos, Claudia recebe a notícia mais aterrorizante de sua vida, está com câncer linfático. Ela lutará por 2 anos contra a doença, mas falecerá aos 29 anos.

A herança física deixada por Cláudia são 3 agendas que documentam todos os seus dias, seus medos, sonhos e sofrimentos. Essas agendas compreendem o ano que ela descobriu a doença (1996), o ano que lutou (1997) e o ano que faleceu (1998).

A presente pesquisa se dá na investigação dessas agendas, buscando utilizá-las como insumo para a pesquisa de movimento e criação em Dança. Ao

assumir este material, tão pessoal e dolorido, como principal base do trabalho foi necessário desenvolver um método que afastasse o olhar da filha para uma posição de pesquisadora, pois o trabalho seria insuportavelmente sofrido.

TRILHAS

Novas questões entram neste processo, “Como ser afetada sem comprometer o desenvolvimento da pesquisa?”, “É possível trabalhar com as memórias da minha mãe sem acrescentar mais sofrimento?”, “Como presentificar o passado através dessa carne em movimento?” e “Como lidar com a escrita deste e neste processo?”.

É nessa fase da pesquisa que a autoetnografia é introduzida como ferramenta para auxiliar no processo de pesquisa e criação, com a parceria da professora Dra. Luciane M. Coccaro (DAC - UFRJ) através do “Projeto de pesquisa em Metodologia: Dança, etnografias, autoetnografias e outras narrativas”. Entendemos a autoetnografia como “uma abordagem de pesquisa e escrita que procura descrever e sistematicamente analisar (graficamente) a experiência pessoal (auto), a fim de compreender a experiência cultural (etno)” (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2010, p.1)¹.

Esse processo autoetnográfico se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si (FORTIN, 2009, p. 83).

Assim, foi instaurado um diário de bordo com o intuito de registrar tudo que possa ser considerado relevante para a pesquisa, tais como as análises das agendas, referências bibliográficas, caminhos escolhidos na pesquisa de movimento, questões levantadas pela professora Aline e sensações e pensamentos ao longo do processo de investigação.

¹ Tradução para o português nossa.

O processo de criação desenvolvido foi dividido em três etapas: 1) Leitura passiva dos registros, 2) Seleção de palavras, frases e imagens que me servissem de estímulo e 3) Transmutação desse material em movimento através de laboratórios de movimento orientados pelos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp.

Na leitura passiva dos registros, a agenda escolhida é lida do início ao fim sem um compromisso investigativo específico, essa fase é dedicada o desvelamento das memórias da Cláudia.

Na fase de seleção é realizada uma segunda leitura, agora com a atenção direcionada às sensações, impressões e pensamentos que afetaram ao longo da leitura. São extraídas palavras, frases e imagens para servir de insumo na pesquisa laboratorial de movimento. Alguns exemplos retirados da agenda de 1997: Autoconhecimento; medo de agulha; fazer a sua parte; desmaio; mudanças de estado - passar bem, passar mal; sem rumo e enclausurada.

Na pesquisa laboratorial, utilizamos a Teoria Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp como direcionador teórico-metodológico.

Os 'Fundamentos da Dança', concebidos pela Professora Helenita Sá Earp e estudados nos Cursos de Graduação em Dança da UFRJ, visam à construção de um corpo consciente apoiado em princípios que desvelam diferentes técnicas pautadas nos processos de investigação criativa do corpo. Não se atendo, portanto, a modelos pré-estabelecidos que enfatizam a reprodução do movimento através de uma lógica do 'passo de dança', mas sim o conhecimento do corpo. Com intenções artístico-pedagógicas, esses fundamentos são organizados em Parâmetros Diversificadores da Ação Corporal: Movimento, Espaço, Forma, Dinâmica e Tempo e, dessa maneira, através de um enfoque seletivo, auxiliam no entendimento dos fatores que envolvem o movimento dançado. Tendo o corpo como referencial, propõe um entrosamento entre esses parâmetros que auxiliam na estruturação de um vocabulário corporal consistente e calcado na investigação criativa de seus movimentos. A separação do estudo em parâmetros distintos visa sublinhar especificidades contidas em cada um deles, mas compreende-se que eles estão em constante relação, cada movimento do nosso corpo perpassa todos os parâmetros (TEIXEIRA, 2018, p.6).

O laboratório, nos princípios metodológicos da Teoria Fundamentos da Dança faz parte do que Maria Alice Motta (2006) denomina “a tríade **fundamentos, técnica e laboratório**”. Tendo no laboratório,

o foco está voltado para as experimentações e análises dos princípios, suscitados a partir do atravessamento dos aspectos teóricos e técnicos referentes àquele parâmetro. Os laboratórios podem ser analíticos-relacionais, onde um conteúdo é delimitado para que se experimente o máximo de variações possíveis a uma dada situação e, posteriormente sejam tiradas conclusões acerca da experimentação, bem como sua relação com outras situações; de improvisação, onde os conteúdos delimitados podem ser experimentados por uma via mais sintética (a da intuição); e de roteirização coreográfica, onde se pode elencar determinados princípios de um parâmetro para a criação e desenvolvimento de propostas com um tema determinado anteriormente (MOTTA, 2006, p.134).

Os Parâmetros da Dança, definidos na Teoria Fundamentos da Dança são; Movimento, Espaço/Forma, Tempo e Dinâmica, e seus os agentes diversificadores do movimento.

Os parâmetros são as unidades básicas, genéricas e fecundas e estão presentes enquanto diversificadores de toda e qualquer ação corporal. A consciência de tais unidades ou princípios – aplicados em atitudes, analíticas, técnicas e experimentais – e seu entrosamento permitiria a investigação e descoberta de possibilidades corporais diversificadas. O que potencializaria o desvelar de infinitas formas de movimento, tanto quanto abarcaria qualquer tipo de execução, fomentando a criação em dança (MOTTA, 2006, p.62).

Utilizamos, principalmente, o Parâmetro Dinâmica e seus agentes diversificados para direcionar os laboratórios realizados.

Dinâmica é o estudo da força. São as variações expressivas promovidas por diferentes gradações de intensidade/energia, no plano mecânico-motor atrelado ao tom emocional, o que vai permitir as variações de caráter – jocoso, romântico, dramático, sensual, etc. (EARP, A. C., apud GUALTER, p. 16, 2000).

Norteados por esse Parâmetro, investigamos o movimento através da manipulação energética física e emocional, que insere uma carga expressiva ao movimento em dança.

CHEGADAS

Foram produzidos, até o presente momento, quatro trabalhos a partir desta investigação; “Dois corpos estranhos”², “Deslizar das Asprezas”³, “Homenagem a todos que se foram”⁴ e “Descida à morada de Hades”⁵. Sendo os dois primeiros, criados numa sinergia entre as pesquisas dos intérpretes do projeto “Corpo Estranho” envolvidos nesse processo.

Continuamos debruçados no processo investigativo e identificamos que, aos poucos, uma corporeidade está se estabelecendo nos corpos dos envolvidos. O fazer dança não é mais o mesmo, mas está contaminado pelos corpos e materiais que nos foi atravessado nesses 2 anos de investigação.

A escrita autoetnográfica auxilia tanto na documentação da produção teórico-prática em dança, como estabelece uma possibilidade de desdobramento investigativo do processo de criação. Ela retroalimenta a pesquisa de movimento, criando uma nova origem de insumo para o trabalho.

Por último, esta investigação artística propicia uma (re)aproximação e (re)encontro afetivo entre mãe e filha. Viabilizando um desfazer de pesos emocionais e sofrimentos a muito adormecidos. “Trata-se de um fluxo do passado presentificado e não de recordações em busca daquilo que se foi (UNO, 2018, p.19).” De certo

² Trabalho apresentado na SIAC 2018 numa parceria com o intérprete-pesquisador Thiago Nunes, graduando de licenciatura em Dança UFRJ.

³ Trabalho apresentado em 2019 nas comemorações de 50 anos do CCS-UFRJ, em parceria com o intérprete-pesquisador Renan Gomes, graduando em bacharelado em Dança UFRJ

⁴ Solo apresentado na Mostra inDisciplinas UFRJ 2019

⁵ Solo apresentado na SIAC 2019.

modo, Cláudia revive através do corpo de sua filha, todas as vezes que a mesma está em cena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DANTAS, Mônica. Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança. **Urdimento**, v.2, n.27, p.168-183, Dezembro 2016.

D'ORAZI, Maria P., **Il Corpo eretico**, Padova:CasadeiLibri, 2008

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E. & BOCHNER, Arthur P. **Autoethnography: An Overview**. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, 12(1), Art.10. 2010.

FORTIN, S. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística**. Trad.: MELLO, H. M. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/cena/article/view/11961>> . Acesso em: 20 de outubro de 2019.

FORTIN, Sylvie; GOSSELIN, Pierre. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. In: **Art Research Journal**, Brasil, vol.1/2, p.1-17. Jul./Dez., 2014.

GUALTER, Kátia. in **I Coletânea de Artigos do Departamento de Arte Corporal**. Papel Virtual: Rio de Janeiro, 2000.

MOTTA, Maria Alice. **Teoria Fundamentos da Dança**: uma abordagem epistemológica à luz da Teoria das Estranhezas. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2006.

PERETTA, Éden. **O soldado Nu origens da Dança Butô**. Perspectiva: São Paulo, 2014.

TEIXEIRA, Aline dos Santos. **Esculturas Dinâmicas - Um diálogo entre corpo e imagem a partir da obra de Hans Bellmer**. In: TRANS-IN-CORPORADOS: CONSTRUINDO REDES PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA EM DANÇA, 2017, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Campinas, GALOÁ, 2018.

UNO, Kuniichi. Hijitaka Tatsumi Pensar um Corpo Esgotado. n-1 edições: São Paulo, 2018.

ANEXO

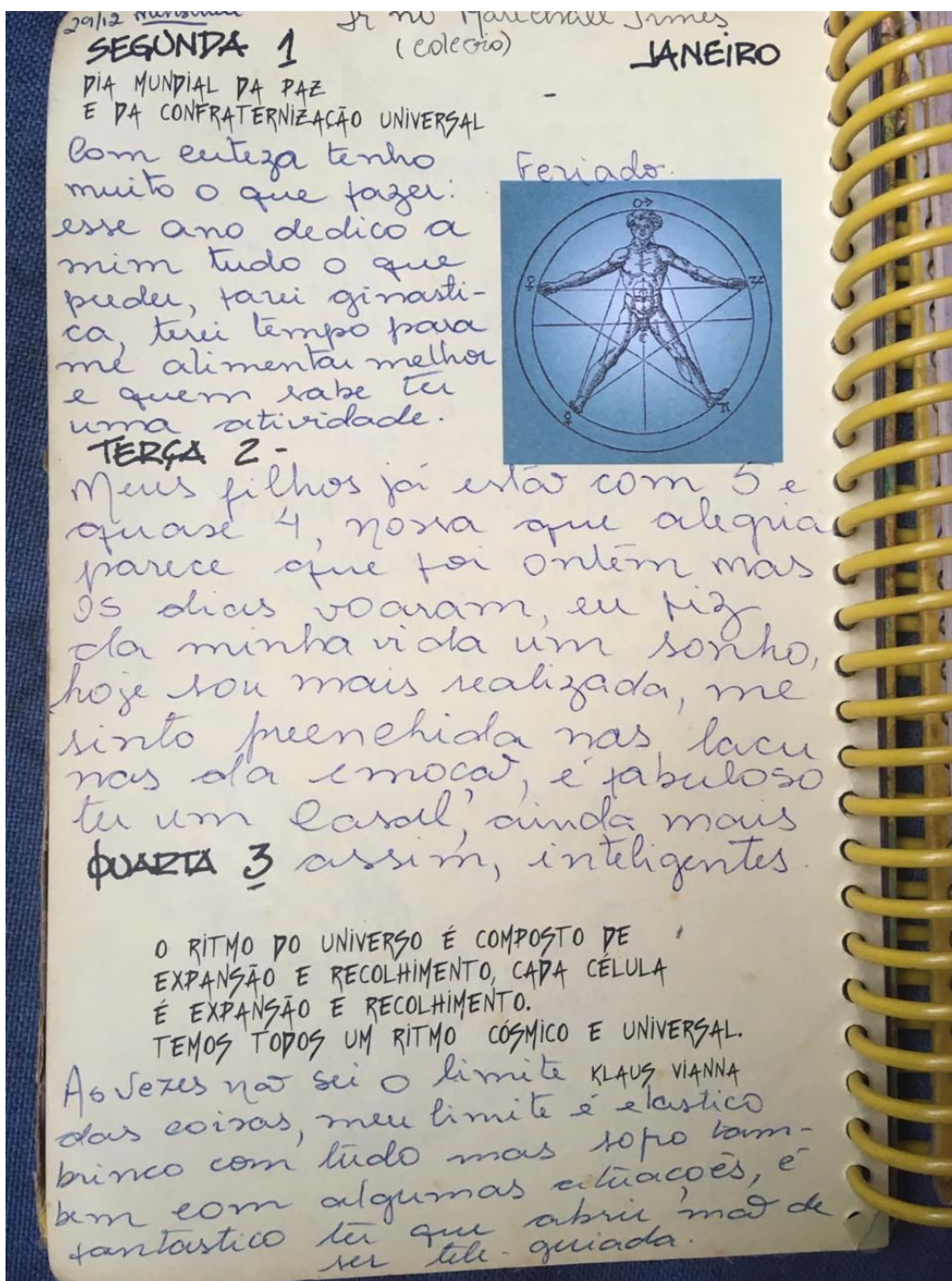


Imagem 1 - Primeira página da agenda de 1996, ano em que Cláudia descobre a doença.

Citação Klaus Vianna "O Ritmo do universo é composto de expansão e recolhimento, cada célula é expansão e recolhimento. Temos todos um ritmo cósmico e universal."



Imagem 2 - Apresentação 2018 “Dois Corpos Estranhos” Thaisa Martins e Thiago Nunes



Imagem 3 - Apresentação 2019 “Homenagem a todos que se foram” - Thaisa Martins



Imagem 4 e 5 - Apresentação 2019 “Deslizar das asperezas” - Thaisa Martins e Renan Gomes